



**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu**  
**Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação**  
Campus Nilópolis

Perla Cordeiro Gomes

**O OLHAR REAL IRREAL**

NILÓPOLIS-RJ

2017

Perla Cordeiro Gomes

## **O OLHAR REAL IRREAL**

Memorial apresentado à coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof. Esp. Renata Silencio de Lima

NILÓPOLIS-RJ

2017

Perla Cordeiro Gomes

## **O OLHAR REAL IRREAL**

Memorial apresentado à coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

**Data de aprovação:**

---

**Prof. Esp. Renata Silencio de Lima (orientadora)**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**

---

**Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**

---

**Prof. Me. Edson Barros de Menezes**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**

**NILÓPOLIS-RJ**

**2017**

**Dedico esse trabalho a Deus. “Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente.” Amém. (Romanos 11:36)**

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me fortaleceu nesse tempo, não me deixou desistir.

Ao meu marido João Carlos, meu grande companheiro, meu amor, por ter me motivado a prosseguir até fim.

Aos meus pais e minha irmã, pelo amor e apoio incondicional.

As minhas queridas amigas Marcela Oliveira e Daniele Marcello, vocês são maravilhosas. Ótimas intérpretes-criadoras. Obrigada pelo apoio. Amo vocês.

A minha orientadora Renata Silencio pela paciência e pelas orientações.

As minhas amigas, mais chegadas que irmãs, Rute Ramos e Michelle Carneiro pelo apoio contínuo, vocês sempre me motivam a crescer.

Eu não sei o caminho.  
O porquê?  
Para onde?  
Onde estou?  
Quem eu sou?  
Quem são eles?  
Quem é ela?  
Quem sou eu?  
Quem é Ela?  
Ela é sociedade da ilusão,  
vive-se em espetáculos,  
tudo é uma representação.  
As relações sociais entre pessoas  
são estabelecidas por imagens  
e não pela realidade.  
O espetáculo é a essência da irrealidade  
da sociedade real, que inverte o real.  
É afirmação de uma vida de aparência.  
É uma fabricação de alienação.  
Que me subordina  
Estou dogmatizada  
Estou acostumada  
Eu não sei o caminho  
falta luz para iluminar  
Eu preciso ver  
A luz resplandece na escuridão  
Estou no avesso o  
avesso do mundo  
de uma real irrealidade.

GOMES, Perla Cordeiro. O Olhar Real Irreal. 51 p. Memorial. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu. Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2017.

## RESUMO

O presente estudo é um memorial do espetáculo de dança minimalista "O olhar real irreal", que aborda o olhar sobre inversão das imagens reais e irrealis na sociedade do espetáculo. Revelando como a sociedade tem vivido de forma individualista e alienada, propondo assim um rompimento do estado de dogmatização, a partir de uma reflexão coreográfica. Para tanto utilizamos a pesquisa sobre a sociedade do espetáculo, inversões de imagens reais e irrealis, alienação e dogmatismo e ruptura. Usando como base as bibliografias de Guy Debord e de Marilena Chaui. "O Olhar real irreal" propõe uma reflexão através da dança ao olhar alienado da atual sociedade espetacular.

**Palavras-chave:** Sociedade do espetáculo. Inversão das imagens real e irreal. Dogmáticos. Rompimento.

GOMES, Perla Cordeiro. O Olhar Real Irreal. 51 p. Memorial. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu. Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2017.

## RESUMO EM LÍNGUA EXTRANGEIRA

El actual estudio es un memorial de el espectáculo de danza minimalista "El mirar real irreal" que trata de el mirar sobre la inversión de las imágenes reales e irreales en la sociedad del espectáculo. Revelando cómo la sociedad ha vivido de manera individualista y alienada, proponiendo así una rotura del estado de dogmatización, basada por una reflexión coreográfica. Para esto utilizamos la investigación sobre la sociedad del espectáculo, las inversiones de las imágenes reales e irreales, la alienación y el dogmatismo y la ruptura. Usando como base las bibliografías de Guy Debord y Marilena Chaui. "El mirar real irreal" propone una reflexión a través de la danza al mirar alienado de la sociedad espectacular actual.

**Palabras clave:** Sociedad del espectáculo. Inversión de las imágenes real y irreal. Dogmáticos. Rotura.

## CONTEÚDO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 O OLHAR SOBRE AS IMAGENS NA SOCIEDADE</b> .....	<b>13</b>
2.1 A SOCIEDADE.....	13
2.2 INVERSÕES DE IMAGENS REAIS E IRREAIS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	14
2.3 ALIENADOS E DOGMÁTICOS.....	15
2.4 ROMPIMENTO.....	17
2.5 UM NOVO OLHAR.....	19
<b>3. A CONSTRUÇÃO COREOGRÁFICA DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL E IRREAL”</b> .....	<b>20</b>
3.1 FUNDAMENTOS DA COREOGRAFIA DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL IRREAL”.....	20
3.2 ROTEIRIZAÇÃO E MONTAGEM COREOGRÁFICA.....	22
3.3 A APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO.....	26
<b>4 SINOPSE</b> .....	<b>30</b>
<b>5 FIGURINO E CENÁRIO</b> .....	<b>31</b>
<b>6 EQUIPE DE EXECUÇÃO</b> .....	<b>32</b>
<b>7 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>33</b>
<b>8 OBJETIVOS</b> .....	<b>34</b>
8.1 OBJETIVO GERAL .....	34
8.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	34
<b>9 PÚBLICO ALVO E ATINGIDO</b> .....	<b>35</b>
<b>10 LOCAL E DATA</b> .....	<b>36</b>
<b>11 DIVULGAÇÃO</b> .....	<b>37</b>
<b>12 PARCERIAS E PATROCÍNIOS</b> .....	<b>38</b>
<b>13 ORÇAMENTO</b> .....	<b>39</b>
<b>14 CRONOGRAMA</b> .....	<b>40</b>
<b>15 METODOLOGIA</b> .....	<b>41</b>
<b>16 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>44</b>
ANEXO 1- DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL.....	44
ANEXO 2- VÍDEO DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL E IRREAL” .....	50

# 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um memorial do espetáculo de dança o “Olha real irreal” que aborda o cotidiano do indivíduo na sociedade atual, explorando olhar dele sobre si mesmo e sobre o meio que está imerso. Apresentando o caráter individualista da sociedade, explorando a inversão da realidade pela irrealidade e vice-versa e refletindo sobre a alienação e dogmatização presentes nessa sociedade do espetáculo.

Atualmente, vivemos numa sociedade individualista, onde as pessoas vivem voltadas para si mesmo, fechadas em seu próprio mundo, já não estabelecem troca de olhares, cada vez mais o contato é superficial e automático. Como afirma Michelle Villaça Lino<sup>1</sup>:

Com tantas transformações e sendo esta a cultura do ‘espetáculo’ caracterizada pela atuação performática do sujeito frente ao ‘Outro’ – objeto que lhe possibilita o gozo – e, também, sendo esta uma sociedade narcísica é que é possível dizer que se vive hoje a cultura do fugaz, do efêmero, dos valores superficiais e não mais centrado nas normas sociais. (LINO, 2009, p.6)

A partir desse princípio do individualismo, exploramos no espetáculo uma cena onde os intérpretes estão perto espacialmente, mas não estabelecem contato visual, indo em direção a uma relação representativa.

Na nossa sociedade as relações acontecem a partir das aparências, das imagens representativas do que é real e irreal, que aparecem de forma invertida, como afirma Feuerbach:

Para esta época que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a fantasia à realidade, a aparência à essência, é esta transformação, exatamente por ser uma desilusão, uma destruição absoluta ou uma pérfida profanação, porque sagrada é somente a ilusão, mas profana a verdade. Sim, esta sacralidade aumenta na mesma proporção em que a verdade diminui e a ilusão aumenta, de forma que o que é o mais alto grau de ilusão é também o mais alto grau de sacralidade. (FEUERBACH 2009, p. 25)

O retratar da inversão de imagens se fez bem presente no espetáculo. Foi explorado uma cena inteira do cotidiano invertido, combinado a um figurino colocado no avesso que atua de forma enfática na inversão, também embutido a inversão do padrão estético da Dança de “corpos eleitos”, corpos magros e delicados,

---

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia pela UFRJ e Pós-graduada em Terapia de Família pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) pela UERJ. Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) pela UERJ. Atualmente é Psicóloga no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

completamente distintos do perfil das intérpretes desse espetáculo que eram fortes e de diversas estruturas corpórea, bem diferente do imposto pela sociedade.

Porém uma das maiores inversões de realidade por irrealidade presente nesse espetáculo foi a inversão do palco. Aonde a plateia vem para o palco assistir o espetáculo, que é realizado no palco de costas para onde estão as cadeiras (onde deveria ser a plateia). Invertendo toda uma estrutura de espetáculo de dança, levando o espectador para mais próximo do intérprete-criador, revelando os pequenos gestos, respirar e o sentir do intérprete-criador, promovendo novas sensações, gerando uma nova experiência do olhar na platéia.

Na inversão da realidade pela irrealidade, ou vice-versa, já não se sabe o que é verdadeiro e o que é falso, ocorrendo nesse tempo uma supervalorização da ilusão e a desvalorização da verdade. Como Guy Debord afirma (1997, p. 8) “Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”.

Esse enaltecer da representação da realidade irreal é uma característica presente na sociedade do espetáculo, que de acordo com Guy Debord é:

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD,1997, p. 9)

A mera contemplação da inversão promove a alienação que é a base dessa sociedade do espetáculo que estamos inseridos. Como explica Guy Debord:

O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente.

No mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso. (DEBORD,1997, p. 10 e 11)

A sociedade do espetáculo de olhar alienado e dogmatizado<sup>2</sup> que não critica e nem cogita a possibilidade de transformação da realidade. Como afirma Marilena Chaui:

---

<sup>2</sup> Dogmatismo é uma atitude muito natural e muito espontânea que temos, desde muitas crianças. É nossa crença de que o mundo existe e que é exatamente tal como o percebemos. Temos essa crença porque somos seres práticos, isto é, nos relacionamos com a realidade

A atitude dogmática é conservadora, isto é, sente receio das novidades, do inesperado, do desconhecido e de tudo o que possa desequilibrar as crenças e opiniões já constituídas. Esse conservadorismo se transforma em preconceito, isto é, em idéias preconcebidas que impedem até mesmo o contato com tudo quanto possa pôr em perigo o já sabido, o já dito e o já feito. (CHAUI, 2000. p.121)

E pra rompermos esse estado de congelamento é necessário um o estranhamento a partir do levantamento de questões, provocações, indagações, críticas, despertando a uma mudança do olhar, como proposto Marilena Chaui (2000, p.118) “A atitude dogmática ou natural se rompe quando somos capazes de uma atitude de estranhamento diante das coisas que nos pareciam familiares.”

Abordar essa sociedade do espetáculo alienada e dogmatizada e promover esse rompimento através do estranhamento foi a intenção do espetáculo de dança “O olhar real irreal”. Desejando ocasionar o rompimento e um novo olhar no indivíduo internamente (autoconhecimento) e/ou externamente (sociedade).

O espetáculo “O Olhar real irreal”, foi o trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Linguagens Artísticas Cultura e Educação, realizado no teatro Espaço Cultural Sylvio Monteiro, Rua Getúlio Vargas 51, Centro, Nova Iguaçu. No dia 25 de novembro de 2016 às 15 horas, orientado pela Professora Especialista Renata Silencio. Teve como direção e concepção coreográfica: Perla Cordeiro, como intérpretes-criadoras: Daniele Marcello, Marcela Oliveira e Perla Cordeiro. E como Iluminador: Adriano Santos.

O espetáculo “O Olhar real irreal” surgiu a partir de um trabalho realizado em aula na disciplina Sociologia da Arte, ministrada pelo Professor Fernando Brame, do curso da Pós-Graduação em Linguagens Artísticas Cultura e Educação, sobre a Sociedade do Espetáculo. O próprio livro “A Sociedade do Espetáculo” de Guy Debord, do qual tive que apresentar as principais ideias no trabalho, fundamentiza todo o meu memorial.

Uni a discussão sobre a Sociedade do Espetáculo com a discussão sobre imagem que se desenvolveu no trabalho em grupo da disciplina Políticas Culturais, ministrada pelo professor João Guerreiro. A partir daí me veio à necessidade de debruçar e me aprofundar sobre a imagem na sociedade do espetáculo, como as pessoas se vêem dentro dessa sociedade.

---

como um conjunto de coisas, fatos e pessoas que são úteis ou inúteis para nossa sobrevivência. (CHAUI, 2000. p. 116)

O que estava sendo pensado, construído, pesquisado, precisava por mim se externado no corpo, daí por escolha por um memorial de um produto e não por uma monografia, unindo a Pós-Graduação em Linguagens Artísticas Cultura e Educação que eu estou realizando no momento, com a bagagem da minha Graduação Bacharelado em Dança.

Entendendo que esse memorial amplia meu universo artístico e sendo uma composição de saberes. Conduzindo a reflexão sobre a sociedade que estamos imersos, alienação e como tem estado o nosso olhar numa sociedade de olhar real e irreal.

## 2 O OLHAR SOBRE AS IMAGENS NA SOCIEDADE

### 2.1 A SOCIEDADE

Vivemos na sociedade do espetáculo que enfatiza a cada dia mais a separação do indivíduo, a vivência do individual, o rompimento da totalidade e segundo Guy Debord (1997, p. 13) “As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida.”

Atualmente o indivíduo vive fechado em sua própria redoma, isolado em seu próprio mundo, não pensando no outro, estabelecendo relações superficiais. Como afirma Michelle Villaça Lino:

Essas identidades - narcísicas e hedonistas - do sujeito da atualidade fizeram com que este se torna-se indiferente ou pouco sensível em relação aos outros e aos projetos pessoais duradouros. Daí a noção de efemeridade e de superficialidade nas relações. Segundo Dufour (2005), o indivíduo pós-moderno é sujeito sozinho, mas livre. Este, quando bem-sucedido tende a sentir-se onipotente e quando isso não ocorre percebe-se impotente e envergonhado, ou seja, imergido em sua intolerância narcísica à frustração. Não há sentimento de culpa e nem de ‘Outro’ simbólico [...] Nela o sujeito é órfão do ‘Outro’. (LINO, 2009, p.8)

Não havendo espaço para reflexão dá sociedade que está imerso. O individualismo conduz o indivíduo e o faz viver aprisionado em seus próprios pensamentos, sentimentos e desejos. Um mundo próprio que não se permite ser invadido para outras cinesferas, como é colocado por Michelle Lino:

Partindo do conceito atual denominado por Debord (1967) de ‘sociedade do espetáculo’, verifica-se, hoje, uma diminuição do espaço para reflexão sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, mas sim o que rege a cultura do nosso tempo é o consumo desenfreado, o individualismo e a busca pelo bem-estar a curto prazo. (LINO, 2009, p.5)

Voltando-se para vida de superficialismo e consumismo, o indivíduo não consegue mais se relacionar com outros de maneira profunda e verdadeira, estando completamente envolvido na trama da sociedade do espetáculo, pois segundo Guy Debord (1997, p. 16) “Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana — isto é, social— como simples aparência. ”

## 2.2 INVERSÕES DE IMAGENS REAIS E IRREAIS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Nessa sociedade do espetáculo individualista e superficial as relações são estabelecidas através da inversão das imagens de realidade e irrealidade. De acordo com Guy Debord (1997, p.9) “O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. ”

No mundo do espetáculo a verdade passa ser desvalorizada, pois nos leva a reflexão sobre a vida ilusória que estamos imersos, como afirmado por Chauí:

A verdade exige que nos libertemos das aparências das coisas; exige, portanto, que nos libertemos das opiniões estabelecidas e das ilusões de nossos órgãos dos sentidos. Em outras palavras, a verdade sendo o conhecimento da essência real e profunda dos seres é sempre universal e necessária, enquanto as opiniões variam de lugar para lugar, de época para época, de sociedade para sociedade, de pessoa para pessoa. (CHAUI, 2000 p. 126)

A verdade passa a ser o que vivemos, o como estamos e nos envolvemos. Uma realidade contemplativa, aparente. Que nos ilude e nos conforma e inverte o real e irreal e vice-versa. Como colocada por Marilena Chauí (2000, p. 122) “Para a atitude natural ou dogmática, o verdadeiro é o que funciona e não surpreende. É – como vimos – o já sabido, o já dito e o já feito. Verdade e realidade parecem ser idênticas. ”

Já não consegue se distinguir o que real e o que é irreal. O falso passar ser a realidade ou vice e versa. Com afirma Guy Debord (1997, p. 16) “No mundo realmente invertido, a verdade é um momento do que é falso. ”

A realidade vira aparência e o ser humano deixa de acreditar na inversão. Passa a ver com normalidade o real sendo irreal e o irreal sendo real. Vive uma vida de espetáculo como se fosse o natural, sem questionamentos, como diz Guy Debord:

A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (DEBORD, 1997, p. 13)

## 2.3 ALIENADOS E DOGMÁTICOS

Essa naturalidade da inversão da realidade pela irrealidade promove a alienação do indivíduo, mantendo a dinâmica da sociedade do espetáculo como diz Guy Debord:

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (DEBORD,1997, p. 15)

Alienado da sua condição e da sociedade que está imerso, o ser humano revela-se num estado dogmatizado. Com afirma Marilena Chaui:

Na atitude dogmática, tomamos o mundo como já dado, já feito, já pensado, já transformado. A realidade natural, social, política e cultural forma uma espécie de moldura de um quadro em cujo interior nos instalamos e onde existimos. Mesmo quando acontece algo excepcional ou extraordinário (uma catástrofe, o aparecimento de um objeto inteiramente novo e desconhecido), nossa tendência natural e dogmática é a de reduzir o excepcional e o extraordinário aos padrões do que já conhecemos e já sabemos. Mesmo quando descobrimos que alguma coisa é diferente do que havíamos suposto, essa descoberta não abala nossa crença e nossa confiança na realidade, nem nossa familiaridade com ela. (CHAUI, 2000 p.116 e 117)

O ser humano alienado se mantém acostumado, não questiona, não reflete. É como se tudo que vivesse fosse realmente verdadeiro e intenso, está num estado comodismo, pois para Guy Debord (1997, p. 16 e 17) “O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Atitude que por princípio ele exige é da aceitação passiva.”

Aprisionando o ser humano na passividade, mantém-se a falta de reflexão do espetáculo, como afirma Guy Debord (1997, p. 21) “O espetáculo é a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência. ”, congelando na realidade aparente de contemplação. Quanto mais gosta de viver de aparências e se envolve na inversão do real irreal, mais está preso ao sistema do espetáculo, como declara abaixo Guy Debord:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo

aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD,1997, p. 24)

A alienação aprisiona tanto o ser humano no mundo das aparências, que ele já não reconhece mais sua essência e seus próprios desejos, ficando completamente avesso a sua realidade.

## 2.4 ROMPIMENTO

Diante dessa dormência promovida pela sociedade do espetáculo é necessário o romper com essa dominação, recuperar sua essência. Isso só ocorre a partir da reflexão, dá análise do outro e do mundo que está enquadrado. Como explica Marilena Chaui.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e as opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente. (CHAUI, 2000, p. 114)

Porém é nítida a dificuldade que temos de romper nesse estado em busca da essência da realidade. Pois já estamos completamente imersos dessa inversão alienadora.

Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores. Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não têm meios para avaliar o que recebem. (CHAUI, 2000, p. 113)

Temos uma dificuldade da busca da verdade, mas essa busca é fácil como afirma Marilena Chaui, à medida que produzimos um estranhamento a partir do levantamento de questões e indagações.

Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, freqüentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro

canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas “não batem” umas com as outras, que há vários “mundos” e várias “sociedades” diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as pessoas não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há outras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses “emissores de mensagens”, as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância. (CHAUI, 2000, p. 113)

Para que haja o rompimento precisamos entender a necessidade da busca, do auto-exame, do refletir sobre as indagações que vão surgindo e nos inquietando. Movendo-nos a mudanças.

## 2.5 UM NOVO OLHAR

A partir desse levantamento de questões, que produz um estranhamento ocorre um rompimento do estado dogmatizado, gerando um novo olhar sobre si mesmo, o outro e mundo, mantendo sempre se auto-exame e provocando mudanças na sociedade, estando sempre aberto a descoberta de novas verdades e realidades como abordado por Marilena Chaui:

Outras vezes, estamos confiantes e seguros e, de repente, vemos ou ouvimos alguma coisa que nos enche de espanto e de admiração, não sabemos o que pensar ou o que fazer com a novidade do que vimos ou ouvimos porque as crenças, opiniões e idéias que possuímos não dão conta do novo. O espanto e a admiração, assim como antes a dúvida e a perplexidade, nos fazem querer saber o que não sabemos, nos fazem querer sair do estado de insegurança ou de encantamento, nos fazem perceber nossa ignorância e criam o desejo de superar a incerteza. Quando isso acontece, estamos na disposição de espírito chamada busca da verdade. (CHAUI, 2000, p. 111 e 112)

Ter um novo olhar é estar sensível pra percebe o mundo, interagir com outro, se importar e se aprofundar em relações. É estabelecer troca de olhares. É estar sempre buscando a verdadeira essência, a verdade e a realidade, com uma atitude crítica-reflexiva, como afirma Marilena Chaui:

Para a atitude crítica ou filosófica, a verdade nasce da decisão e da deliberação de encontrá-la, da consciência da ignorância, do espanto, da admiração e do desejo de saber. Nessa busca, a Filosofia é herdeira de três grandes concepções da verdade: a do ver-perceber, a do falar-dizer e a do crer-confiar. (CHAUI, 2000, p. 122)

Entendendo que podemos ver além do olhar real irreal proposto pela sociedade vigente, ter um novo olhar.

### **3. A CONSTRUÇÃO COREOGRÁFICA DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL E IRREAL”**

Vivemos numa sociedade individualista, onde as pessoas estão fechadas no seu próprio mundo, não conseguem perceber o que está a sua volta. Estão imersas numa sociedade que vive de forma contemplativa e espetacular, estabelecendo relações através de imagens representativas do que é real e irreal. A partir desse olhar surge um anseio de abordar essa temática de forma coreográfica.

#### **3.1 FUNDAMENTOS DA COREOGRAFIA DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL IRREAL”**

Os fundamentos para construção de coreográfica do espetáculo “O olhar real irreal”, estão baseados no olhar relacionado às variações espaciais.

Olhar é fundamental no estudo do movimento, ele atua na conscientização do corpo, auxiliando no direcionamento espacial. Como é afirmado por Renata Santos Roel<sup>3</sup>

O olhar do performer edita em tempo real o movimento, documentando no espaço o seu estado de presença, a direção e a velocidade, e esse estado de atenção, interfere no modo de operar ao se construir um trabalho de dança. Trata-se de afinar a atenção em si, no tempo-espaço e na relação que se estabelece com quem compõe junto esta dança. (ROEL, 2012, p. 75 e 76)

O olhar revela o que tipo de espaço está sendo abordado. Pois segundo a Teoria de Laban o espaço é subdividido por ferramentas usadas na localização e da atitude do corpo no espaço. Elas são: espaço interno, cinesfera e espaço externo. Como cita Kathya Godoy e Rita Antunes.

Para Laban, o espaço possui vários graus de amplitude: Espaço Interno – está dentro do nosso corpo e o limite é a pele; Espaço Pessoal – é o espaço que nos cerca e que alcançamos através da extensão dos membros do nosso corpo sem sair do ponto de apoio; Espaço Geral – é o ambiente onde nos movimentamos [...] (GODOY e ANTUNES, 2010, p.33)

---

<sup>3</sup>Professora Colaboradora do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da UNESPAR - Curitiba II FAP. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Dança na Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Dança pela Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR).

O espaço interno é lugar onde o indivíduo se volta para si mesmo, se fechando para o mundo. É o lugar da imaginação, do universo infantil, do olhar dogmatizado, sem preocupação. Como explicado por Ciane Fernandes abaixo:

O Espaço Interno consiste no volume do corpo, e vem sendo denominado também de forma ou relacionamento, tendo sido desenvolvido por Warren Lamb (1979), discípulo de Rudolf Laban. Este espaço inclui três classificações, que vão desde o relacionamento do corpo consigo mesmo, adaptando sua forma e mudando as distâncias entre suas partes e volumes internos (forma fluida), à projeção do volume do corpo em linhas e curvas, cortando o ambiente bidimensionalmente (forma direcional linear ou arcada), até o relacionamento tridimensional do corpo com/no ambiente, simultaneamente moldando-se e sendo moldado como uma escultura em criação (forma tridimensional).

Estas fases desenvolvem-se a partir do nascimento, quando nos movemos em forma fluida, até começarmos a buscar objetos dirigindo-nos a eles (forma direcional) e a interagir tridimensionalmente, antes mesmo dos seis meses. (FERNANDES, 2007)

Já a cinesfera é o espaço alcançável. É onde podemos alcançar redor de nós mesmos. É espaço do adulto. Segundo Rudolf Laban (1976 *apud* FERNANDES, 2006, p.183) cinesfera é:

A cinesfera é a esfera redor do corpo cuja periferia pode ser alcançada através dos membros facilmente estendidos sem dar um passo além do ponto de suporte, quando de pé em uma perna, o que podemos chamar de "base de apoio" (algumas vezes chamado de lugar). Somos capazes de desenhar o limite de uma esfera imaginária com nossos pés tanto quanto com nossas mãos... quando nos movemos para fora dos limites de nossa cinesfera original, criamos uma nova base de apoio... Nós, é claro, nunca deixamos nossa esfera de movimento, mas a carregamos conosco como uma aura.

Por último, o espaço externo é espaço da curiosidade onde queremos descobrir tudo está bem além do nosso alcance. Explorar o mundo, reconhecer que está bem além de mim, é o espaço do adolescente, de se arriscar. De acordo com Fernandes (2006, p.183) "Espaço geral é o meio ou área no qual a ação ocorre ou se inclui."

A partir do olhar dos espaços o indivíduo conecta-se com si mesmo e com sociedade que está inserido, podendo refletir sobre as relações de ambos.

### 3.2 ROTEIRIZAÇÃO E MONTAGEM COREOGRÁFICA

O espetáculo de dança será composto por 5 cenas<sup>4</sup> descritas abaixo:

<b>COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA</b>	<b>CENAS</b>
Introdução	1. A sociedade
Desenvolvimento	2. Invertidos
	3. Alienados e dogmáticos
	4. Estranhamento
Conclusão	5. Novo olhar

#### CENA 1. A sociedade

A cena 1 é o auto-retrato da sociedade atual, revelando aspecto individualista presente nessa sociedade. Uma abordagem de como a sociedade está voltada para si mesmo não se percebendo e nem olhando o mundo à volta. Onde as pessoas estão no mesmo espaço, mas sem se relacionarem.

#### Laboratório de criação coreográfica<sup>5</sup>

- ✓ Experimentação de deslocamentos em espiral no espaço interno, com variações de velocidade e níveis do corpo como todo.
- ✓ Construção de seqüências individuais, mantendo o espaço interno, dividindo o mesmo espaço cênico sem se relacionar.

#### CENA 2. Invertidos

Essa cena revela a dinâmica invertida da sociedade do espetáculo onde o que é real invertido pela irrealidade e vice-versa. De acordo com Guy Debord (1997, p.14) o espetáculo é: “Considerando em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o

<sup>4</sup>A Distribuição Espacial encontra-se no anexo.

<sup>5</sup>Laboratório de criação coreográfica são atividades de estímulo para criações de células coreográficas, que serão aplicadas na construção do espetáculo.

resultado e o projeto do modo existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real.”

Abordando em cena como a sociedade do espetáculo vive no mundo da representação de maneira automática, sendo um corpo robô, realizando a cópia sem reflexão, como afirma Feuerbach (2009), citado por Guy Debord (1997, p.13):

Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

O figurino terá grande destaque nessa cena. Pois haverá peças no lado do avesso, enfatizando a normalidade da inversão.

#### Laboratório de criação coreográfica

- ✓ Realização de ações cotidianas de forma invertida,
- ✓ Uso da cópia (um intérprete faz o movimento e os outros repetem).

#### CENA 3. Alienados e dogmáticos

A intenção dessa cena é retratar a sociedade acostumada, confortável, conformada com a representação a inversão de real e irreal. Com um olhar passivo diante do caos da sociedade, resultado num grau tão alto de contemplação e conformidade levando a um estado de hipnotismo, que são ações do sujeito sendo conduzidas por um agente hipnotizador, pois segundo Guy Debord (1997, p. 18) “Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico.”

#### Laboratório de criação coreográfica

- ✓ Retrata o costume de viver dogmatizado. Estando acostumado a viver os riscos do dia a dia, num total espaço interno no meio ao caos dá sociedade.
- ✓ Manipulação de um intérprete por outro um intérprete, que se encontra acostumado ser dominado. A partir de contatos e apoios.

#### CENA 4. Estranhamento

Nessa cena ocorrerá o ápice do espetáculo, que é a ruptura do estado dogmatizado que será dado através do questionamento (frases faladas), como afirmado por Marilena Chaui (2000, p.114)

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as ideias e as opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.

A partir daí, em cena, inicia-se um processo de estranhamento, de autocrítica, de olhar a si mesmo, de reflexão da cinesfera, de busca da verdade. Pois segundo Marilena Chaui (2000, p.122)

Para a atitude natural ou dogmática, o verdadeiro é o que funciona e não surpreende. É – como vimos – o já sabido, o já dito e o já feito. Verdade e realidade parecem ser idênticas e quando essa identidade se desfaz ou se quebra, surge a incerteza que busca readquirir certezas.

Para a atitude crítica ou filosófica, a verdade nasce da decisão e da deliberação de encontrá-la, da consciência da ignorância, do espanto, da admiração e do desejo de saber.

#### Laboratório de criação coreográfica

- ✓ Cena com a venda dos olhos e questionamento através das frases faladas, sendo a retirada da venda dos olhos a ruptura do espaço interno para cinesfera.
- ✓ Reflexão da cinesfera.
- ✓ Olhar o figurino no avesso e trocar em cena. Percepção do estado de inversão

#### CENA 5. Novo Olhar

Essa cena é uma releitura da primeira cena, interferida por um novo olhar a respeito do espaço. Será realizada no espaço geral revelando a diferença de viver com um olhar reflexivo enxergando o que está a nossa volta.

#### Laboratório de criação coreográfica

- ✓ Deslocamentos em espiral no espaço interno, com variações de velocidade e níveis do corpo como todo no espaço geral.
- ✓ Ocupando o mesmo espaço, se relacionando no espaço geral.
- ✓ Finalização da construção a partir da relação através de contatos e apoios.

Esquema de roteiro	
CENA 1. A sociedade	1. No espiral, inicia a Daniele no centro e Perla na ponta. Ambas no espaço interno percorrem o espiral.
	2. Daniele retorna ao centro do espiral e entra Marcela que iniciará uma seqüência no espaço interno.
	3. Daniele inicia uma seqüência individual no espaço interno e Marcela e Perla ficam em potencial.
	4. Marcela e Perla iniciam seqüências individuais, e Daniele continua a sua no mesmo espaço sem estabelecer relação.
CENA 2. Invertidos	1. Marcela na base deitada, e Daniele e Perla na base de pé realizam seqüência de gestos cotidianos.
	2. Perla inicia uma seqüência individual e repete (Marcela e Daniele ficam em potencial.)
	3. Daniele inicia uma seqüência individual e repete (Marcela e Perla e ficam em potencial.)
	4. Marcela inicia uma seqüência individual e repete (Daniele e Perla e ficam em potencial.)
	5. Perla inicia uma seqüência individual e todas repetem.
	6. Daniele inicia uma seqüência individual e todas repetem.
	7. Marcela inicia uma seqüência individual e todas repetem.
	8. O trio explora aleatoriamente a repetição de gestos das seqüências individuais.
CENA 3. Alienados e dogmáticos	1. Solo da Daniele, acostumada e dogmatizada em meio ao caos dá sociedade imersa.
	2. Duo de Marcela e Daniele de manipulação
CENA 4. Estranhamento	1. Solo da Perla ruptura do estado dogmatizado, com venda nos olhos e frases de questionamento faladas.
	Todas realizam percepção cinesfera e troca de figurino.
CENA 5. Novo olhar	1. No espiral, inicia a Daniele no centro e Perla na ponta. Ambas no espaço geral percorrem o espiral.
	2. Daniele retorna ao centro do espiral e entra Marcela que iniciara uma seqüência no espaço geral.
	3. Daniele inicia uma sequência individual no espaço geral e Marcela e Perla ficam em potencial.
	4. Marcela e Perla iniciam seqüências individuais, e Daniele continua a sua no mesmo espaço, estabelecendo relação.
	5. Trio conclui com estabelecendo relações através de contatos e apoios.

### 3.3 A APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO

A apresentação do espetáculo de dança minimalista “O olhar real irreal” foi realizado dentro de dia e do horário proposto. Com duração média de uma hora, de apresentação e debate.

O espetáculo foi todo pensado com a intenção de criar um estranhamento no público presente, conduzindo uma reflexão de si mesmo, do outro e do mundo que está imerso. Repensando seu olhar.

Então para mim foi muito impactante a reação inicial do público ao saber que precisaria subir ao palco para assistir a dança. Foi visível o estranhamento ocorrido da inversão no espaço da plateia pelo Palco. A ruptura proposta já iniciou a partir dali.

A proximidade do público ampliou muito a carga expressiva do trabalho, pois até mesmo os pequenos movimentos podiam ser vistos e sentido por eles. Até mesmo nossa dinâmica da respiração afetava.

Entendendo que a dança vai além do movimento. Ela é um vocabulário, uma forma de se expressar, um discurso. E nesse espetáculo o texto transmitido pelo meu corpo, não foi o que ele está acostumado a dizer, foi necessário sair da minha zona de conforto, para explorar os conceitos da sociedade do espetáculo de um olhar invertido no corpo. Entendo que esse rompimento para um novo olhar, já estava nos atingindo como intérpretes-criadores. Foi um tempo de crescimento e mudança.

Meses de treino e dedicação a concepção coreográfica, que passaram de uma forma rápida, mas ao mesmo tempo muito intensa. Como se tudo que tivesse fragmentado, se unisse naqueles trinta minutos de apresentação com o mesmo objetivo de passar a mensagem proposta de forma clara e objetiva.

Entendo que o trabalho ficou muito integrado, pois escolha das intérpretes-criadoras foi muito acertada, pois já havíamos construído uma história entre memoriais e apresentações, facilitando assim a construção coreográfica e o resultado do espetáculo.

## Ilustrações do espetáculo



Figura 1: debate final / Fotografia: Rute Ramos



Figura 2: cena 3 - Alienados e dogmáticos/ Fotografia: Rute Ramos



Figura 3: Cena 4 – Estranhamento / Fotografia: Rute Ramos



Figura 4: Cena 4 - Estranhamento /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura 5: Cena 4 - Estranhamento /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura 6: Cena 4 - Estranhamento /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura 7: Cena 4 - Estranhamento /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura 8: Cena 5 – Novo Olhar / Fotografia: Rute Ramos



Figura 9: Cena 5 – Novo Olhar /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura10: Cena 5 – Novo Olhar /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura 11: Cena 5 – Novo Olhar /  
Fotografia: Rute Ramos



Figura12: Cena 5 – Novo Olhar /  
Fotografia: Rute Ramos

#### 4 SINOPSE

“O olhar real irreal” é um espetáculo de dança minimalista com a proposta de reflexionar sobre a sociedade espetacular que estamos imersos e como ela se relaciona a partir de imagens reais e irreais. Imagens que estão invertidas nessa sociedade como afirma: Feuerbach (2009), citado por Guy Debord (1997, p.13) "Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser.."

Essa construção coreográfica se dividirá em 5 cenas. Na primeira cena será abordada a sociedade individualista, egocêntrica e voltada para si mesmo, não se percebendo e nem olhando o mundo à volta.

Na segunda será retratado como essa sociedade vive de maneira invertida, numa representação, onde o que é real se torna irreal e irrealidade passa ser a verdade. A cena três levará em conta como o indivíduo está acostumado, não consegue enxergar sua realidade de inversão e alienação na sociedade, está conformado.

Já a quarta é ápice do espetáculo, onde ocorrem os questionamentos que provocam a ruptura do estado de conformação, levando ao estranhamento mudança de como o indivíduo vê a si mesmo. A última cena abordará um novo olhar, uma nova abordagem de interação com a sociedade e consigo.

Esse espetáculo instiga a uma reflexão sobre como tem sido o seu olhar para si mesmo e para a sociedade espetacular que estamos inseridos.

## 5 FIGURINO E CENÁRIO

O figurino escolhido foi pensado a partir do cotidiano das intérpretes. E foi importante na compreensão da irrealidade e realidade, que foram retratadas através da face dos figurinos. O avesso representou a irrealidade e o lado direito da roupa a realidade e provocaram no espectador uma compreensão da fase abordada. O figurino se transformou em objeto cênico.

A simplicidade proposta trouxe à tona o cotidiano, com a carga do que carregamos dia a dia, e não percebemos, pois por inúmeras vezes pegamos as roupas aleatoriamente e não nos damos conta do que estamos vestindo. E vez ou outra há um propósito que pode ser direcionado para o que é comum a todos a sociedade.

O cenário também foi caracterizado para mostrar o dia-a-dia de um indivíduo. Por ser tratar minimalistas, optou-se por poucos objetos com uma mesa, cadeira, cabideiro e uma mochila. E para enfatizar a inversão da sociedade do espetáculo, inverteu-se o palco com a platéia, tendo como fundo as cadeiras do espaço da platéia. Então o público do espetáculo “O olhar real irreal” assistiu o espetáculo no palco trazendo o caráter minimalista proposto.

Também foram utilizados objetos cênicos durante a realização do espetáculo de dança tais como uma venda dos olhos, um celular, uma mochila.

O espiral marcado no chão além de marcar o espaço cênico, ajudou na redução do espaço, ampliando a ideia minimalista do espetáculo, trazendo a ideia de infinito, de um mundo em círculo, ao redor de si mesmo.

## 6 EQUIPE DE EXECUÇÃO

O espetáculo de dança “O olhar real irreal” teve como equipe de execução os seguintes integrantes:

✓ Perla Cordeiro, Bacharel em Dança pela UFRJ e graduanda do curso de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas Cultura e Educação da IFRJ, autora do presente trabalho, teve como função a direção, produção, concepção coreográfica e interpretação-criativa.

✓ Daniele Marcelo, Bacharel em Dança pela UFRJ, atuou como intérprete-criativa.

✓ Marcela Oliveira, graduanda em dança Livre FATEF, atuou como intérprete-criativa.



Figura 13 : intérpretes-criadoras/ Fotografia: Rute Ramos

✓ Adriano Santos, técnico em iluminação Prefeitura de Nova Iguaçu, atuou como iluminador.



Figura 14 : iluminador/ Fotografia: Rute Ramos

## 7 JUSTIFICATIVA

O mundo está fechado em si mesmo, não consegue, se relacionar de forma transparente, as relações estabelecidas são meramente representativas, onde o real e o irreal se mesclam e se invertem. A palavra verdade já não é de tanta significância.

Acostumados a viver por meio de imagens invertidas da sociedade do espetáculo, os indivíduos têm um olhar iludido sobre verdade, tornam-se alienados. Não buscam mais a verdade. Não refletem sobre si mesmo e sobre o meio que estão que estão inseridos. Estão dogmatizados, cegos.

A partir dessa perspectiva de alienação revela-se a importância do tema escolhido, imprescindível para conduzir o público, através do olhar da dança, a uma reflexão sobre seu olhar de si mesmo e criticando a inversão de imagem de realidade e a irrealidade da sociedade de qual faz parte, analisando a acomodação vivida, promovendo o rompimento desse estado de dormência.

## **8 OBJETIVOS**

### **8.1 OBJETIVO GERAL**

- ✓ Realizar o memorial descritivo sobre o espetáculo de dança “O Olhar Real Irreal” que aborda sobre olhar do individuo sobre a inversão do real pelo irreal e vice-versa na sociedade do espetáculo que está inserido.

### **8.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Compreender a definição de sociedade do espetáculo e da sociedade individualista.
- ✓ Estudar a inversão da imagem real e irreal.
- ✓ Investigar sobre alienação e dogmatismo.
- ✓ Analisar os princípios dos rompimentos da alienação e do dogmatismo.
- ✓ Relacionar conceitos com a parte coreográfica do espetáculo de dança “O Olhar real Irreal”

## 9 PÚBLICO ALVO E ATINGIDO

O público diretamente atingido foi pouco, por conta do caráter intimista e minimalista. Em uma breve referência ao minimalismo explorado no espetáculo:

Tratava-se em primeiro lugar de *eliminar toda a ilusão* para impor objetos ditos *específicos*, objetos que não pedissem outra coisa senão serem vistos por aquilo que são. O propósito, simples em tese, se revelará excessivamente delicado na realidade de sua prática. Pois, a ilusão se contenta com pouco tamanha é a sua avidez: a menor representação rapidamente terá fornecido algum alimento – ainda que discreto, ainda que um simples detalhe. (DIDI-HUBERMAN, 2005, p. 50)

O público alvo pensado para o projeto, era de pessoas que almejam olhar, analisar e criticar através da arte alguns conceitos, no caso deste espetáculo, a inversão realidade e irrealidade na sua própria vida e na sociedade que está imerso.

## 10 LOCAL E DATA

O espetáculo de dança “O Olhar real Irreal” foi realizado 25 de novembro de 2016, às 15 horas, no Teatro do Espaço Cultural Sylvio Monteiro que fica situado na Rua Dr. Getulio Vargas, 51. Centro - Nova Iguaçu, RJ e foi inaugurado em 2004.

O espaço possui um casarão de dois andares. No térreo fica uma exposição permanente de esculturas, em madeira, do artista Geraldo Marçal dos Reis, o Dadinho e a sala de produção educativa, onde ocorrem diversas oficinas. No segundo andar além da administração, há outro espaço maior dedicado as exposições itinerantes.

Fora do casarão há um pátio amplo e aberto utilizado para múltiplas atividades, um prédio anexo nos fundos, e neste um teatro de capacidade para 140 pessoas e acima dele a Biblioteca Municipal Central Cial Brito, que disponibiliza cerca de 15 mil livros para pesquisa e empréstimo à comunidade.

O Espaço Sylvio Monteiro ainda conta com uma biblioteca infantil, inaugurada pelo escritor Ziraldo, uma sala de vídeo, uma sala de Diversidade Étnica, uma audioteca para deficientes visuais e o Telecentro Comunitário de Nova Iguaçu e nos 10 computadores ali instalados, o público tem acesso gratuito à Internet para suas pesquisas.

No Espaço Cultural Sylvio Monteiro ocorre valorização da cultura local, multiplicidade das artes e suas conexões, educação (treinamento) e reflexão.



Figura 15 : Espaço Cultural Sílvio Monteiro



Figura 16 : teatro Espaço Cultural Sílvio Monteiro

## 11 DIVULGAÇÃO

O espetáculo “O olhar real irreal” foi divulgado através de folder na internet, no Facebook, WhatsApp e por email. Por meio de um cartaz impresso no Espaço Cultural Sylvio Monteiro, por convite pessoal e 40 folders impressos.

*Perla Cordeiro apresenta  
Espetáculo de Dança Minimalista:*

**O OLHAR REAL IRREAL**

*“Uma sociedade invertida. Um olhar real irreal.  
Uma relação perceptiva de deslumbrar-se.”*

*Com Daniele Marcello, Marcela Oliveira e Perla Cordeiro*

**25 DE NOVEMBRO DE 2016, ÀS 15 HS.**

<b>TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS ARTÍSTICAS, CULTURA E EDUCAÇÃO. ORIENTAÇÃO: PROF. RENATA SILENCIO</b>	<b>LOCAL: TEATRO DO ESPAÇO CULTURAL SYLVIO MONTEIRO, RUA GETÚLIO VARGAS 51, CENTRO – NOVA IGUAÇU.</b>
--	---

Figura 17 : Folder de divulgação do espetáculo “O olhar real irreal”

## 12 PARCERIAS E PATROCÍNIOS

O espetáculo “O olhar real irreal” teve como parceria o Núcleo de Dança Marcela Oliveira que cedeu o espaço de ensaio, som para ensaio.

O núcleo de dança Marcela Oliveira é uma academia de dança, dirigida pela intérprete-criadora Marcela Oliveira, localizada na Avenida Abílio Augusto Távora, 4206, sala 3. Valverde, Nova Iguaçu. A escola oferece diversas modalidades de aula de dança, tais como Balé, Jazz e outras mais. Possui um ótimo espaço, com espelho e barra, e foi uma grande parceira no processo de construção do espetáculo.

O espetáculo também teve como apoiadora a Prefeitura de Nova Iguaçu que emprestou o Teatro com todos os equipamentos para a apresentação do espetáculo. O teatro foi fundamental na concepção da apresentação sendo o primeiro contato do público com o avesso da sociedade, já que pude me apropriar do palco de forma invertida, colando o público para assistir o espetáculo nele, visualizando a plateia e a operação do som e da iluminação.

## 13 ORÇAMENTO

Serviços e Materiais utilizados:

- ✓ Para ensaio: passagens dos intérpretes-criadores e almoço.
- ✓ Parte escrita: folhas, impressão e encadernação.
- ✓ Figurino: prêt-à-porter uns comprados e outros emprestados.
- ✓ Divulgação impressão de panfletos e cartaz.
- ✓ Iluminação: custo do iluminador.
- ✓ Som e iluminação do ensaio: Empréstimo do Núcleo de Dança Marcela Oliveira.
- ✓ Som e iluminação do espetáculo: Empréstimo do Espaço Cultural Silvio Monteiro.
- ✓ Cenário: Empréstimo do Núcleo de Dança Marcela Oliveira e do Espaço Cultural Silvio Monteiro.

<b>FUNÇÃO</b>	<b>MATERIAL</b>	<b>VALOR</b>
<b>Ensaio</b>	<b>Passagens de ônibus dos intérpretes-criadores e almoço</b>	<b>R\$ 400,00</b>
<b>Parte escrita do Memorial</b>	<b>500 folhas</b>	<b>R\$ 35,00</b>
	<b>Impressão</b>	<b>R\$ 100,00</b>
	<b>Encadernação</b>	<b>R\$ 20,00</b>
<b>Figurino</b>	<b>Vestido</b>	<b>R\$ 30,00</b>
<b>Interpretes</b>	<b>Presente de Agradecimento</b>	<b>R\$ 100,00</b>
<b>Divulgação</b>	<b>Impressão de panfletos e cartazes</b>	<b>R\$ 30,00</b>
<b>Iluminação</b>	<b>Iluminador</b>	<b>R\$ 100,00</b>
<b>TOTAL</b>		<b>R\$ 815,00</b>

## 14 CRONOGRAMA

MÊS/ ANO	07/ 2016	08/ 2016	09/ 2016	10/ 2016	11/ 2016	12/ 2016	01/ 2017	02/ 2017
<b>Construção de laboratórios</b>	X							
<b>Reservar o espaço de apresentação do produto</b>	X							
<b>Seleção dos 3 intérpretes/coreógrafos</b>	X							
<b>Revisão bibliográfica</b> -Sociedade do individualismo e do espetáculo	X	X						
<b>Revisão bibliográfica</b> - Inversão de Imagem real e irreal	X	X						
<b>Revisão bibliográfica</b> - Alienação e dogmatização	X	X						
<b>Composição coreografia</b>		X	X	X				
<b>Ensaio</b>			X	X	X			
<b>Pré-produção</b>			X	X	X			
<b>Produção</b>					X			
<b>Teórica</b>					X			
<b>Divulgação</b>					X			
<b>Apresentação do espetáculo</b>					X			
<b>Conexão entre a revisão bibliográfica e a análise do espetáculo.</b>						X	X	X
<b>Confecção do Memorial</b>							X	X
<b>Revisão de português e apresentação do Memorial</b>							X	X

## 15 METODOLOGIA

Iniciei o Memorial elaborando o produto, que foi o Espetáculo de Dança, “O Olhar real irreal”, selecionei os intérpretes-criadoras e consegui o empréstimo do espaço do Núcleo de Dança Marcela Oliveira para realizar os ensaios.

Preparei os laboratórios de movimento que são atividades de estímulo para criações, que foram aplicadas nas intérpretes-criadoras na construção coreográfica do espetáculo. Concomitantemente, reservei o espaço para a apresentação do produto Espaço Cultural Silvio Monteiro.

Simultaneamente, realizei a pesquisa bibliográfica dos temas: Sociedade do espetáculo, inversões de imagens de reais e irrealis, alienados e dogmáticos e rompimento, analisando todo o conteúdo e depois selecionei alguns autores para fundamentarem os laboratórios práticos e todo o trabalho.

Após essa etapa de preparação, iniciei a montagem coreográfica a partir do resultado dos laboratórios, realizando ensaios práticos. Simultaneamente iniciei a construção teórica do memorial.

Depois dei início à pré-produção desenvolvendo a concepção do cenário, figurino, música e preparando a divulgação do produto. Contratei o iluminador.

Com a coreografia montada, marquei a data da apresentação do memorial com os professores. Conclui a produção e apresentei o espetáculo de dança “O olhar real irreal”.

Depois do produto apresentado, analisei o espetáculo para concluir a parte teórica e articular com a revisão bibliográfica.

Terminei a confecção do memorial realizando a revisão de português e o memorial será apresentado para a banca examinadora.

## 16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim a construção desse memorial foi muito desafiadora. Primeiro na escolha do tema. Passei todo o curso tentando encontrar um tema que seria mais próximo do meu universo artístico com dança. Porém esses não faziam sentido com as discussões propostas no curso. Até que em fim descobrir uma temática que conseguia unir a dança com os temas propostos em aula.

A escolha de fazer uma reflexão sobre como tem sido o olhar, através da inversão imagens reais e irreais para si mesmo e para a sociedade espetacular, revelando a necessidade de rompimento através do questionamento provocando no público um novo olhar. Foi para mim muito instigante e produziu em mim um rompimento e mudança pra novo olhar.

Conceitos do qual ainda não havia me aprofundado, mas que gerou um resultado inovador, um espetáculo de dança com uma mensagem clara, integrada e provocadora. Valendo a pena sair da minha zona de conforto, ampliando meu conhecimento, rompendo meus limites, em prol de novas construções, provocações, sendo para mim esse projeto de grande acréscimo.

A construção coreografia também foi um grande obstáculo, mesmo com um grupo pequeno, foi complicado conciliar horário para os laboratórios de construção coreográfica e ensaios. Mas com maturidade conseguimos superar esses desafios, fazendo de cada encontro muito proveitoso. A parceria e a entrega das intérpretes-criadoras foram fundamentais nesse processo construtivo.

Aproveito para agradecer-las, pois sei que tiveram que ter muita dedicação pra realizar esse trabalho. Esse processo gerou o desafio de pensar numa sociedade no avesso, produzindo mudanças em nossos vocabulários gestuais e na nossa maneira de ver o mundo.

No meio da construção surgiu um novo desafio: a minha gestação, que não me impediu de apresentar um trabalho prático, mas que reduziu a velocidade de construção do trabalho, porém com a paciência da professora Renata Silencio, (desde já agradeço) consegui concluir esse processo.

Espero que esse memorial do espetáculo de dança minimalista “O olhar real irreal” ainda possa trazer muitas provocações, rompimento do estado dogmatizado, construir novos olhares a respeito de si mesmo, do outro e da sociedade do qual estamos inseridos, para as pessoas que tiverem alcance desse projeto.

Almejo que venha novos trabalhos, novos questionamentos e indagações. Continuando em movimento, pois movimento é mudança.

## REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUFOUR, D.R. **A arte de reduzir cabeças: sobre a servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo. Editora 34, 1998.

FERNADES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. 2 edição. São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. **Inter-ações Intersticiais: o espaço do corpo do espaço do corpo**. In. MEDEIROS, Maria Beatriz; MONTEIRO, Marianna F. M. (Org.) Espaço e performance. Brasília: Editora da Pós-Graduação em Arte da UnB, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

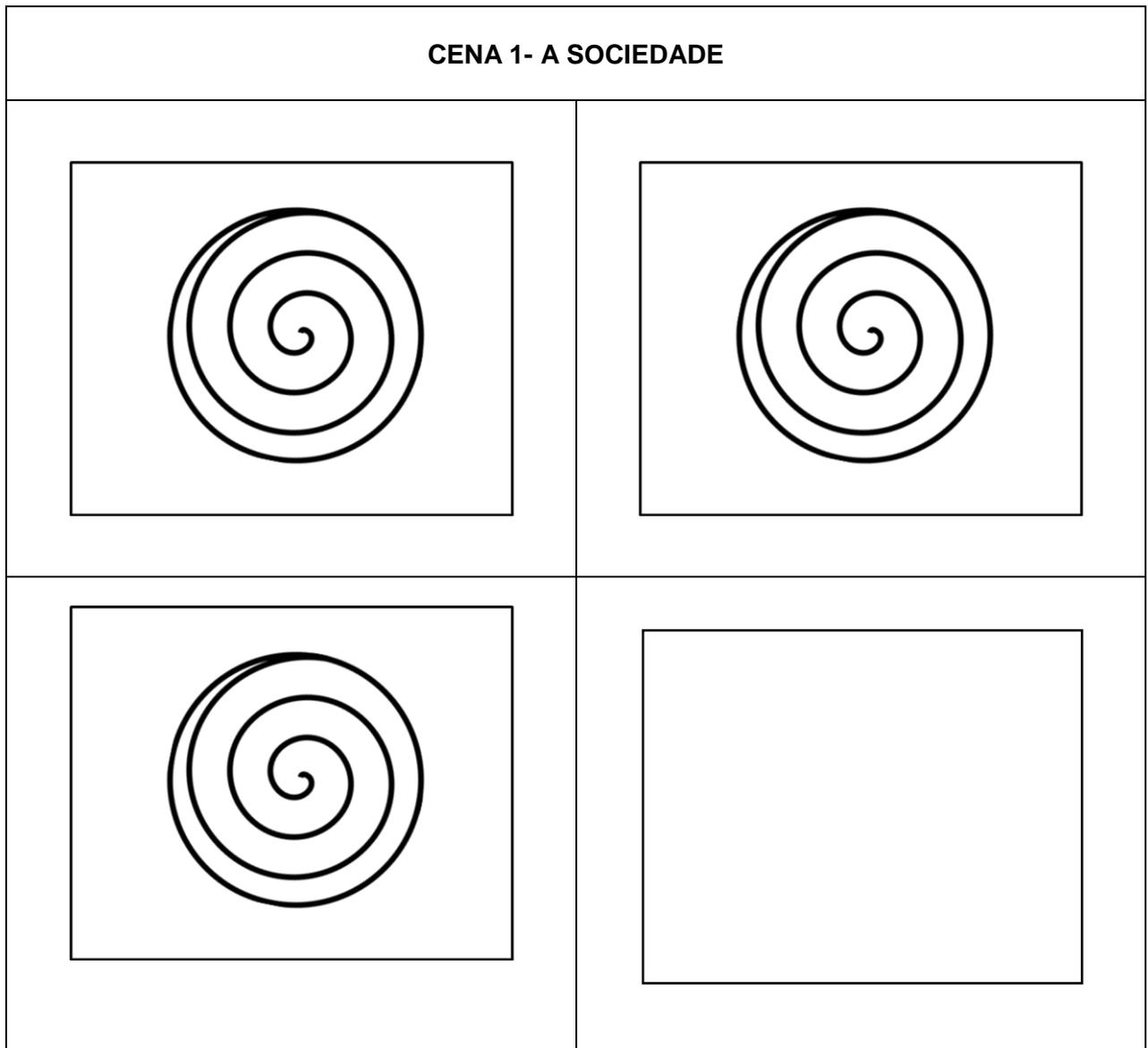
GODOY, Kathya Maria Ayres; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza.(Org.) **Movimento e Cultura na Escola: Dança**. São Paulo. Instituto de Artes da Unesp, 2010.

LINO, Michelle Villaça. **A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares**. Revista IGT na Rede, v.6, nº 10, 2009, p. 6-13. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs/ISSN1807-2526>> Acesso em: 15 fev. 2016.

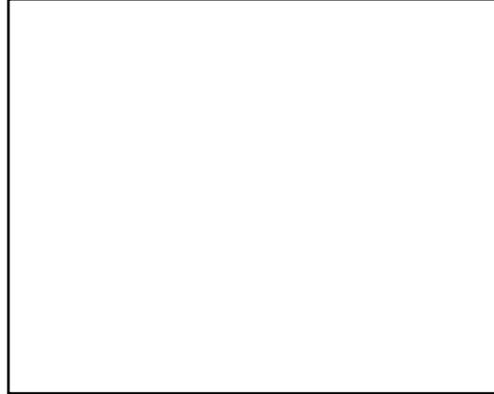
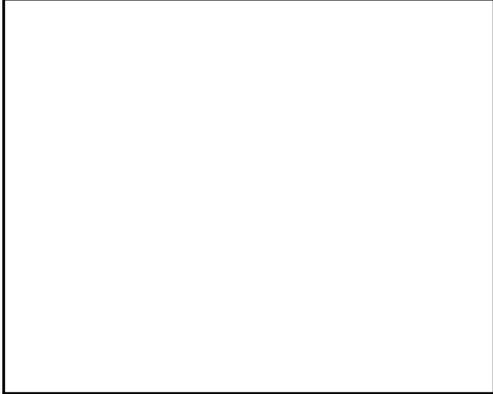
ROEL, Renata Santos. **A experiência do olhar na dança: composição no tempo presente**. 7º Seminário de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, p. 74-77, jun., 2012. Anais Eletrônicos. Disponível em: <[http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao2012/Publicacoes/7\\_Seminario\\_Pesquisa\\_Artes/7SeminarioPesquisaArtes\\_AnaisEletronicos\\_Art15.pdf](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao2012/Publicacoes/7_Seminario_Pesquisa_Artes/7SeminarioPesquisaArtes_AnaisEletronicos_Art15.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2016.

## ANEXOS

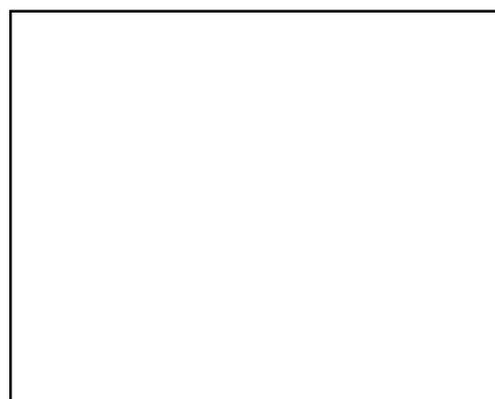
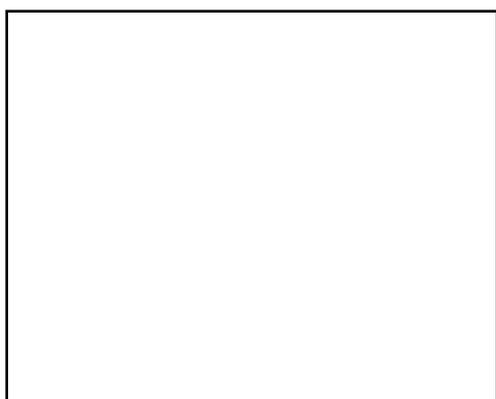
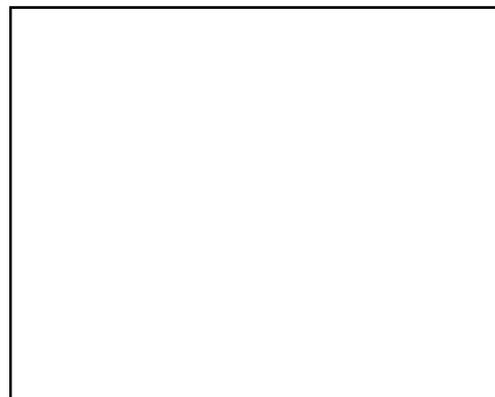
### ANEXO 1- DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL



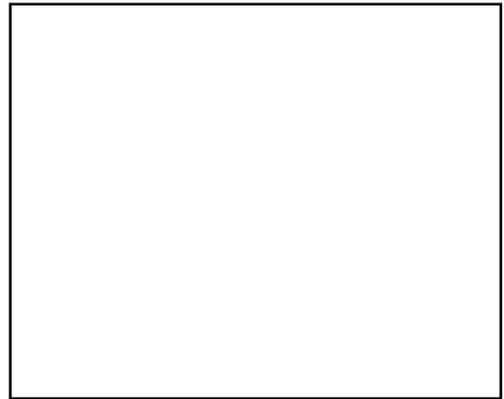
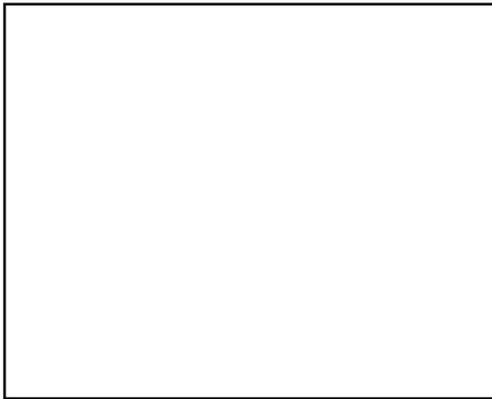
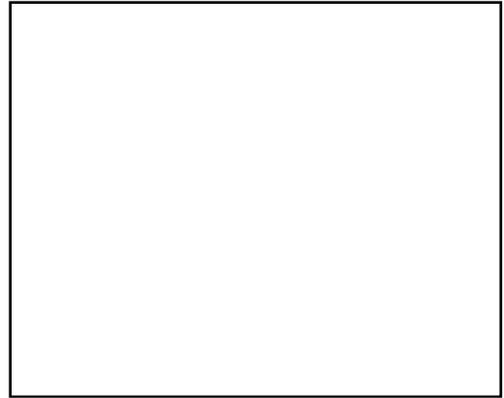
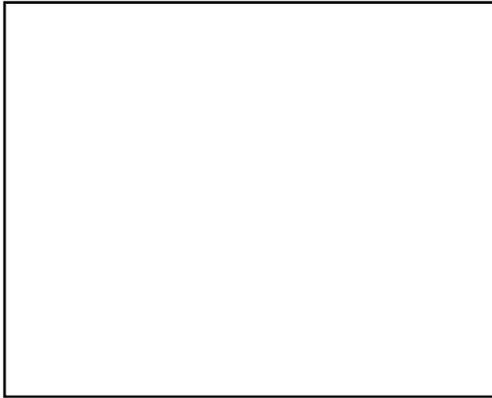
**CENA 2 – INVERTIDOS**



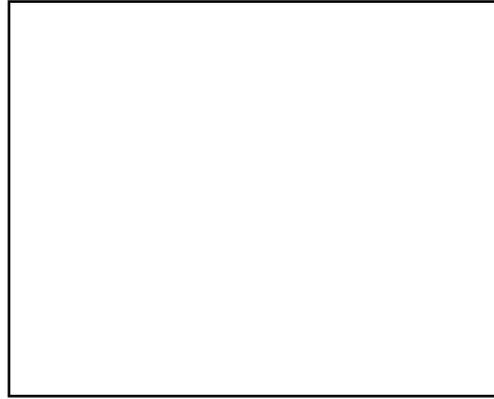
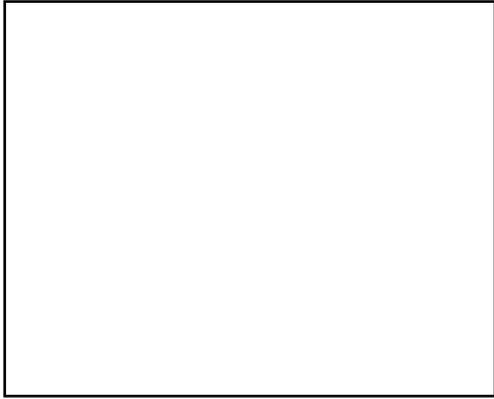
**CONTINUAÇÃO DA CENA 2 – INVERTIDOS**



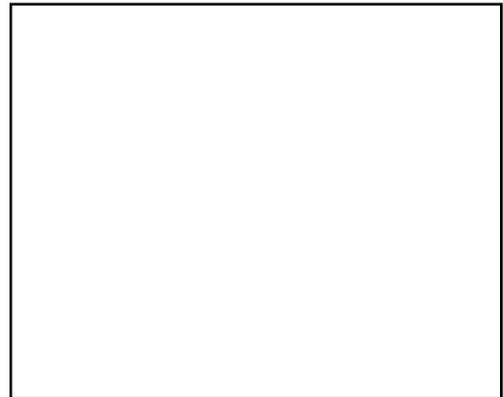
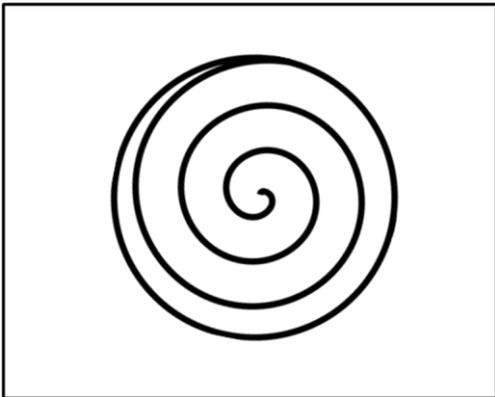
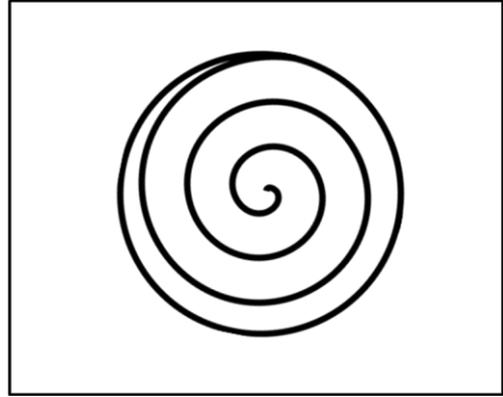
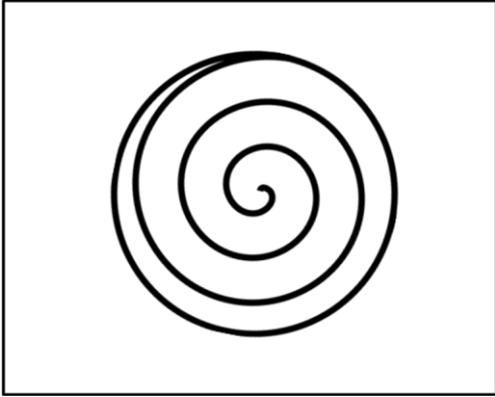
**CENA 3 – ALIENADOS E DOGMÁTICOS**



**CENA 4 – ESTRANHAMENTO**



CENA 5- NOVO OLHAR



**ANEXO 2- VÍDEO DO ESPETÁCULO “O OLHAR REAL E IRREAL”**